



Apostila de Ensino – Teclado ***(Módulo I)***

Edição 2016

APRESENTAÇÃO

Esta apostila reúne uma compilação de estudos embasados nas devidas referências bibliográficas, notações complementares e exercícios práticos criados. Tem por objetivo auxiliar no aprendizado musical e aperfeiçoamento do louvor. Os exercícios aplicados são suportados pela aplicação prática dos louvores executados na IGREJA CRISTÃ MARANATA.

É de distribuição interna, sem fins lucrativos, e para fins educativos; se submeterá à revisão e reedição sempre que houver necessidade.

Nota: Todo o trabalho foi realizado de forma voluntária.

*ICM – Central de Louvor
Projeto Aprendiz*

Colaboradores

Daniely Basso
Weider Martins

SUMÁRIO

1. CONHECENDO O TECLADO.....	4
1.1 TIPOS DE TECLADO	4
1.2 POSTURA E POSIÇÃO DOS DEDOS	5
2. MUSICA – DEFINIÇÕES GERAIS.....	7
3. PROPRIEDADES DO SOM	8
4. SISTEMA DE NOTAÇÃO UNIVERSAL	8
4.1 NOTAS.....	8
4.2 ACIDENTES MUSICAIS: SUSTENIDO E BEMOL.....	9
4.3 PAUTA E PENTAGRAMA.....	11
5. EXERCÍCIOS.....	14
6. VALORES MUSICAIS e DIVISÃO DE COMPASSOS	15
6.1 ACIDENTES MUSICAIS: SUSTENIDO E BEMOL.....	17
7. INTERVALOS, ESCALAS CROMÁTICAS, DIATÔNICAS E FORMAÇÃO DE ACORDES.....	18
7.1 INTERVALOS.....	18
7.2 ESCALAS	18
7.2.1 Exercício de Escala	20
7.3 FORMAÇÃO DE ACORDE	20
7.3.1 Acordes Maiores.....	21
7.3.2 Acordes Menores.....	22
7.3.3 Acordes com Quinta Alterada.....	22
7.3.4 Acordes com Sétima Maior.....	23
7.3.5 Acordes com Sétima Menor	23
7.3.6 Acordes com Nona.....	24
7.3.7 Acordes Diminutos.....	24
7.3.8 Acordes Suspensos	24
7.3.9 Inversão de Acordes	25
7.3.10 Dicionário de Acordes.....	26
7.4 ESCALA DIATÔNICA – ACORDES MAIORES	29
8. REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA.....	32

1. CONHECENDO O TECLADO

O teclado musical é oriundo de outros instrumentos tais como piano, órgão, cravo, entre outros. Porém, somente no século XX é que tornou mais conhecido dentro do mercado da música, por sua grande flexibilidade e diversificação sonoras.

Entretanto, é importante ressaltar que Teclado não é igual a Piano e nem Órgão. Embora venha da família das teclas, o Piano é um instrumento de Cordas, o Órgão de Sopro e o Teclado é um instrumento digital. Isso faz com que a forma que de tocar seja completamente diferente, embora no Teclado existam sons de Piano, Órgão e uma infinidade de outros instrumentos.

O primeiro sintetizador foi criado pelo inventor Elisha Gray em 1874. Conhecido como “The Telegraph Musical”, possuía dois teclados e os sons eram produzidos através de fios telegráficos. Em 1875 foi chamado oficialmente como “Telégrafo elétrico de transmissão de tons musicais”.

A partir daí a evolução foi mais lenta, e, somente a partir de 1960 é que houve avanços na área de teclados elétricos. No início desta década, os teclados eram muito grandes e utilizados apenas em estúdios para gravações. No ano de 1964, Bob Moog criou o sintetizador Moog, mas não era propriamente um teclado, pois não tinha um teclado. Em 1970 foi acoplado um teclado no sintetizador e de lá pra cá o instrumento foi aperfeiçoado e novas tecnologias utilizadas para aumentar a qualidade dos sons e usabilidade do instrumento.

1.1 TIPOS DE TECLADO

- **Sintetizadores:** possuem diversos timbres / sons no qual podem ser editados (alterações de frequência, modulações, efeitos, etc.), e partir disto criam-se novos timbres.



Fig. 1 – Representação de Teclado Sintetizador

- **Teclados com acompanhamento automático ou arranjador:** São teclados que possuem vários estilos musicais (balada, pop, jazz e muitos outros), onde pode-se criar e até modificar outros estilos, acompanhados por parte rítmica (bateria), baixo, strings, cordas (violão, guitarra), metais (trompete, trombone, etc), bem como sintetizar estes timbres.



Fig. 2 – Representação de Teclado Arranjador

- **Workstations:** São teclados mais complexos, que envolve síntese de sons e sequenciadores para composição, arranjos de partes musicais ou peças musicais completas, e ainda possuem a capacidade de síntese de timbres.



Fig. 3 – Representação de Teclado Workstation

- **Pianos digitais:** São teclados com várias teclas (76, 88), que possuem vários timbres de piano, gran piano, piano elétrico, cravo, etc.



Fig. 4 – Representação de Pianos Digitais

Existem inúmeras marcas de teclados, dos mais simples aos mais sofisticados com possibilidade de síntese de sons e arranjos musicais.

1.2 POSTURA E POSIÇÃO DOS DEDOS

- Antes de prosseguirmos, vamos falar um pouco sobre a postura adequada para sentar e a posição das mãos no teclado:



Fig. 5 – Ilustração de Posição Postural

- Ao sentar-se, as pernas e o abdômen devem formar um ângulo de aproximadamente noventa graus;
- As mãos devem ficar na altura do cotovelo e com o punho reto;
- Os pulso e braços devem estar relaxados;
- Os dedos devem estar arqueados para que a ponta dos dedos seja utilizada para tocar as teclas.

Algumas observações sobre o porquê da importância dos dedos curvados:



 DEDOS RETOS	 DEDOS CURVADOS
Cada dedo tem comprimento diferente.	Cada dedo tem o mesmo comprimento.
Não é possível a utilização adequada do polegar	O polegar fica na posição correta para se tocar.
Atraso na execução da nota, pois irão dobrar na primeira articulação.	Resposta instantanea, pois os dedos já estão curvados
Maior esforço para passagem do polegar por outros dedos	Permite a passagem do polegar sob os outros dedos.

Tabela 1 – Diferenças entre a utilização de dedos retos e dedos curvados.

Nota: É impossível manter os dedos curvados se as unhas estiverem longas. Desta forma, mantenha as unhas curtas.

Antes de tocar é importante alongar os dedos para evitar problemas futuros. Seguem alguns exemplos de alongamento:



Fig. 6 – Demonstração de alguns de Exercícios de alongamento

Cada dedo possui uma numeração demonstrada a seguir:

Polegar: 1

Indicador: 2

Médio: 3

Anelar: 4

Mínimo: 5

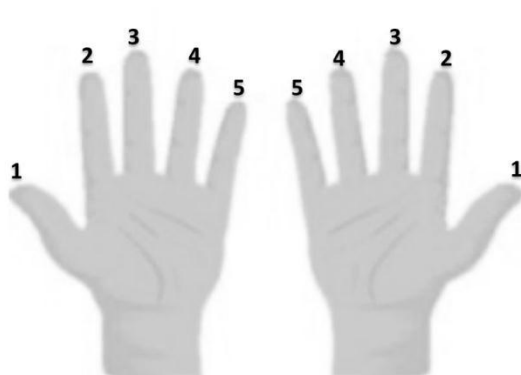


Fig. 7 – Ilustração dos dedos das mãos e suas numerações.

2. MUSICA – DEFINIÇÕES GERAIS

MÚSICA é a arte de combinar os sons de forma simultânea e sucessiva; com ordem, equilíbrio e proporção dentro do tempo. A Música possui alguns elementos que ajudam a “emoldurar” sua matéria, o som. Esses elementos são: a Harmonia, a melodia e o ritmo.

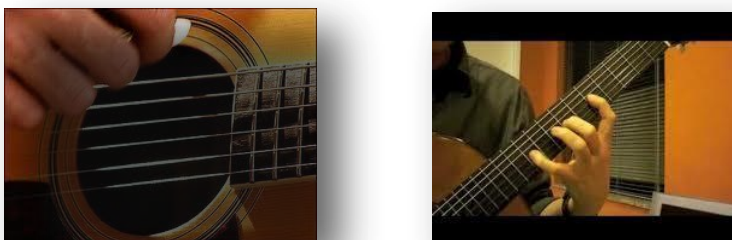
Melodia: É uma sucessão de sons em intervalos irregulares, formando sentido musical. A Melodia caminha entre o Ritmo. Normalmente, a melodia é a parte principal da Música e trata-se da parte que fica a cargo do Cantor, ou de um instrumento solo como a Flauta ou de um solo de Guitarra, entre outros. Sempre que ouvir um solo (sequência de notas tocadas individualmente) você estará ouvindo uma melodia.



Fig. 8 – Ilustração da localização das notas no teclado.

Harmonia: Consiste na execução de vários sons executados e ouvidos ao mesmo tempo. A junção do Ritmo, Melodia e a de outros elementos formam a harmonia. Por meio da harmonia podemos ter estilos musicais diferentes.

Fig. 9 – Ilustração de harmonia (sons executados ao mesmo tempo).



Ritmo: Ordem e proporção em que estão dispostos os sons que constituem a melodia e a harmonia, ou seja, é uma sequência de sons em intervalos regulares. Não podemos confundir **Ritmo** com **Estilo**. Estilo é a variação temática do Ritmo. O que determina um Estilo é a Harmonia e não tanto o Ritmo. Alguns dos Estilos principais: o Rock, a Valsa, o Jazz e etc. O Ritmo pode ser dividido em Tempos e os mais usados são 2, 3, 4, 6 e 8.

Observação: O andamento é a variação na velocidade da Harmonia. Alguns louvores são mais lentos, como o hino “Eu quero ser Senhor Amado” e outros são bem mais rápidos, como “Castelo Forte”.

O **SOM** é a sensação produzida no ouvido pelas vibrações de corpos sonoros (emissão de ondas sonoras).

3. PROPRIEDADES DO SOM

- **Altura:** é a propriedade em que determina se um som é grave ou agudo. É importante compreendermos que a altura de um som NÃO se refere a volume.
- **Duração:** é o tempo durante o qual o som se prolonga, gerando a diferença entre sons curtos e longos. A voz humana e os violões são exemplos de duração limitada. Em um órgão, ao contrário, uma nota pode ter uma duração ilimitada.
- **Timbre:** É a propriedade do som que permite reconhecer a sua origem. Timbre é a qualidade que permite distinguir um som do outro. Assim, dizemos que um piano tem um timbre diferente de um violão.
- **Intensidade ou Volume:** É a propriedade do som ser piano ou forte.

4. SISTEMA DE NOTAÇÃO UNIVERSAL

4.1 NOTAS

É o nome dado às alturas dos sons (grave e agudo). São sete as notas musicais: Dó, Ré, Mi, Fá, Sol, Lá e Si.

A distância entre as notas musicais é medida em SEMITONS. Podemos dizer que:

- ✓ Semitom: É o menor intervalo adotado entre 02 notas.
- ✓ Tom: É a distância entre dois semitons.

Segue demonstração para facilitar o entendimento:

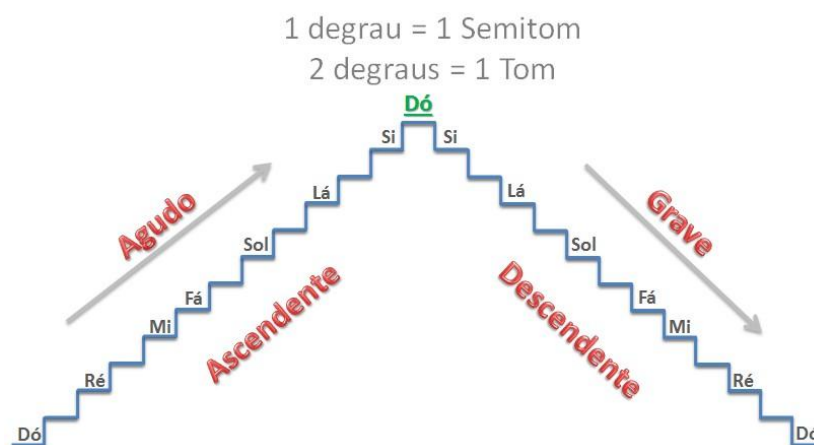
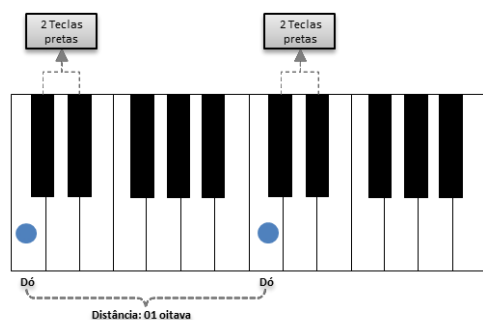


Fig. 10 – Demonstração das notas musicais.

Para facilitar a visualização e aprendizado, iremos demonstrar conceitos com o suporte do **teclado**; a fim de ilustração.

As sete notas podem ser vistas nas teclas brancas (no teclado) e elas se repetem em alturas diferentes por toda a extensão da escalado instrumento. A distância de uma nota até a sua próxima repetição é chamada de oitava.

Como exemplo, a nota Dó está localizada sempre antes das duas teclas pretas.



A nota Fá estará sempre antes das três teclas pretas.

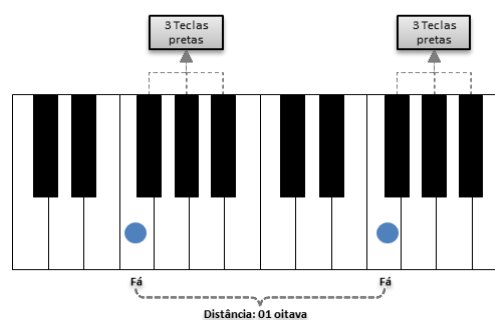


Fig. 11 – Ilustração da localização das notas no teclado.

Seguindo a nota Dó (da esquerda para a direita – em oitavas acima) teremos:



Fig. 8 – Ilustração da localização das notas no teclado (Repetição).

4.2 ACIDENTES MUSICAIS: SUSTENIDO E BEMOL

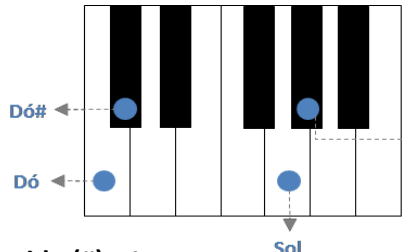
Vimos anteriormente que existem sete notas musicais, porém elas podem ter uma variação na tonalidade tanto para cima quanto para baixo, conhecidos como acidente. A nomenclatura utilizada para demonstrar este acidente é conhecida por sustenido ou bemol. Quando o acidente é para aumentar a tonalidade chama-se sustenido (sentido esquerda para direita), quando for para diminuir a tonalidade é chamado de bemol.

A representação no teclado é da seguinte forma:

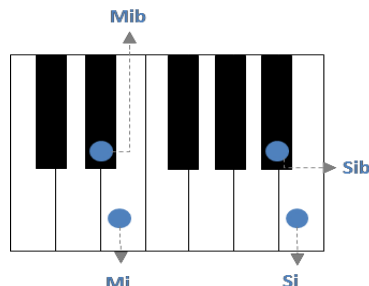
- ✓ Teclas brancas = 07 notas musicais (Dó, Ré, Mi, Fá, Sol, Lá e Si).

- ✓ Teclas pretas = Sustenido (#) / bemol (b) - Representam uma alteração nos sons das teclas brancas, aumentando ou diminuindo a tonalidade.

Fig. 12 – Exemplificação de sustenido e bemol.



Sustenido (#) - Aumenta a nota em meio (1/2) tom (da esquerda para a direita)



Bemol (b) - Diminui a nota em meio (1/2) tom, (da direita para a esquerda).

A execução de semi-tom em semi-tom é chamada de Escala Cromática.

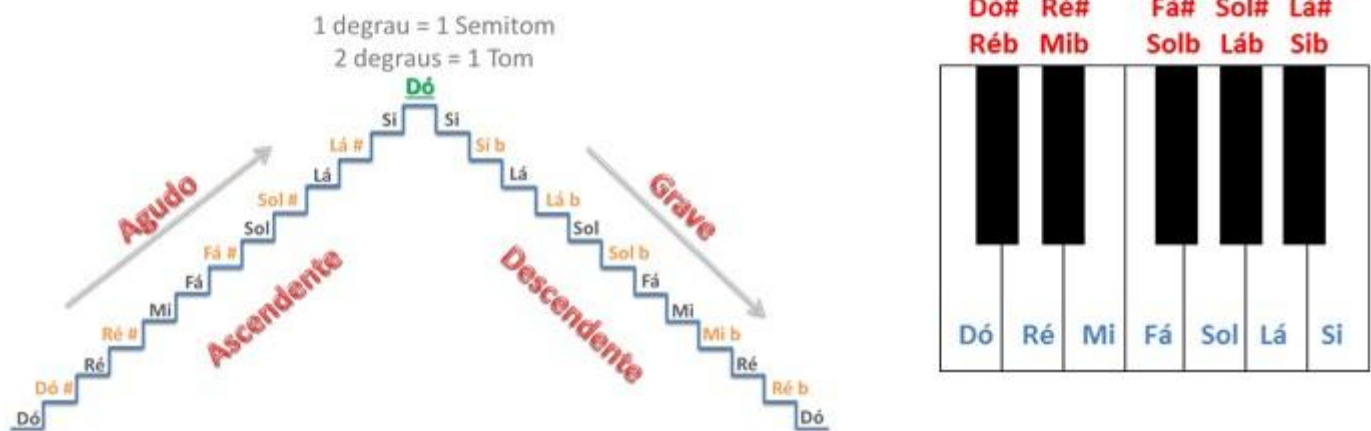


Fig. 13 – Demonstração da escala cromática

Há sons (execução de notas) que são os mesmos, porém com nomes diferentes. Exemplo: Dó # é igual a Réb. Isto ocorre porque quando aumentamos meio tom de Dó é o mesmo que diminuir meio tom de Ré. São estas as notas que possuem nomes diferentes, porém têm sons iguais:

Dó# ↔ Réb
Sol# ↔ Láb

Ré# ↔ Mib
Lá# ↔ Sib

Fá# ↔ Solb

As notas Mi e Fá, Si e Dó não são separadas por meio tom e também não é comum utilizar a expressão Mi# ou Fáb e Si# ou Dób.

Existe um sinal de alteração chamado bequadro ($\sharp\flat$) que desfaz a ação do sustenido ou do bemol. Em ocasiões especiais podem ser usados outros dois sinais, o dobrado-sustenido ($\sharp\sharp$) e o dobrado-bemol ($\flat\flat$), cada um deles equivalendo a um tom.

4.3 PAUTA E PENTAGRAMA

Para a escrita musical utilizamos um modelo de 05 linhas e 04 espaços chamados “Pentagrama”. Nas linhas e nos espaços são escritas as notas musicais (contando sempre de baixo para cima), conforme abaixo:

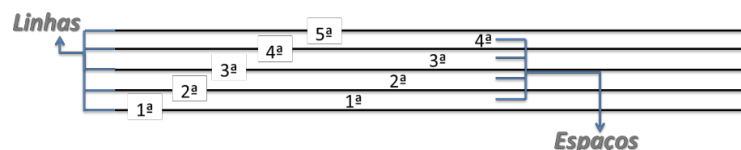


Fig. 14 – Ilustração das linhas e espaços do Pentagrama.

Fig. 15 – Notas escritas nas Linhas

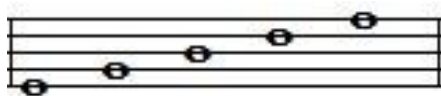
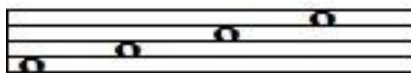


Fig. 16 – Notas escritas nos Espaços



No início do pentagrama há um símbolo chamado clave. Através deste símbolo é possível dar nome as notas no pentagrama. Atualmente, temos 03 três tipos de claves (mais utilizadas):

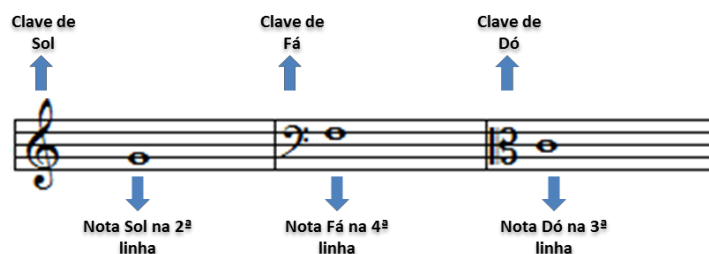


Fig. 17 – Ilustração das claves de Sol, Fá e Dó.

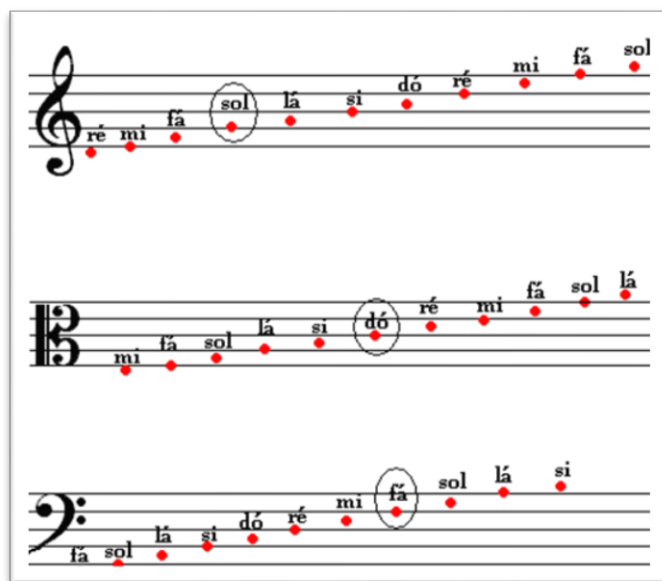


Fig. 18 – Ilustração das notas nas claves de Sol, Dó e Fá.

A primeira clave que iremos conhecer é a clave de Sol, pois no teclado utilizaremos inicialmente esta clave, que será executada pela mão direita. Veja a distribuição e o nome das notas no pentagrama com esta clave.

Noção geral das notas na clave de Sol:

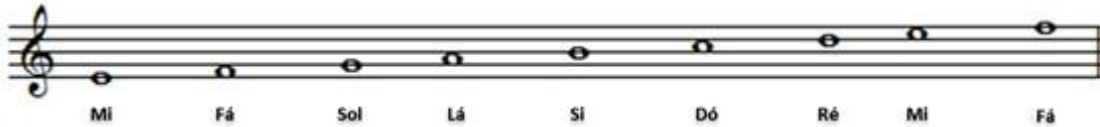


Fig. 19 – Ilustração de Notas na clave de Sol.

Temos alguns casos onde as notas ficam fora do pentagrama, e para isto utilizamos as linhas suplementares inferiores e superiores.

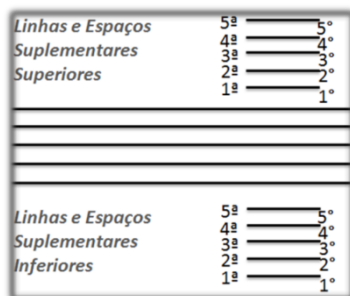


Fig. 20 – Demonstração de linhas suplementares superiores e inferiores.

As linhas suplementares funcionam como extensão da pauta, para descrever as notas mais agudas (superiores) ou mais graves (inferiores).

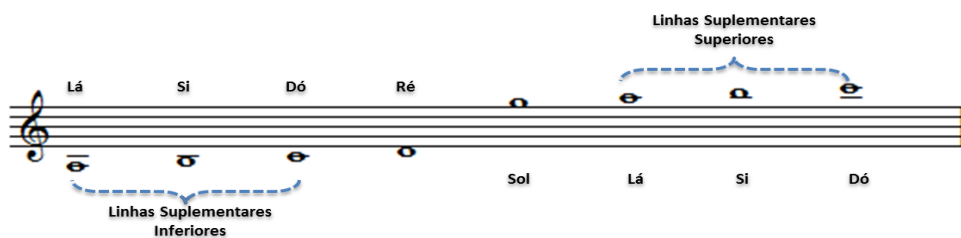


Fig. 21 – Demonstração de notas em linhas suplementares superiores e inferiores.

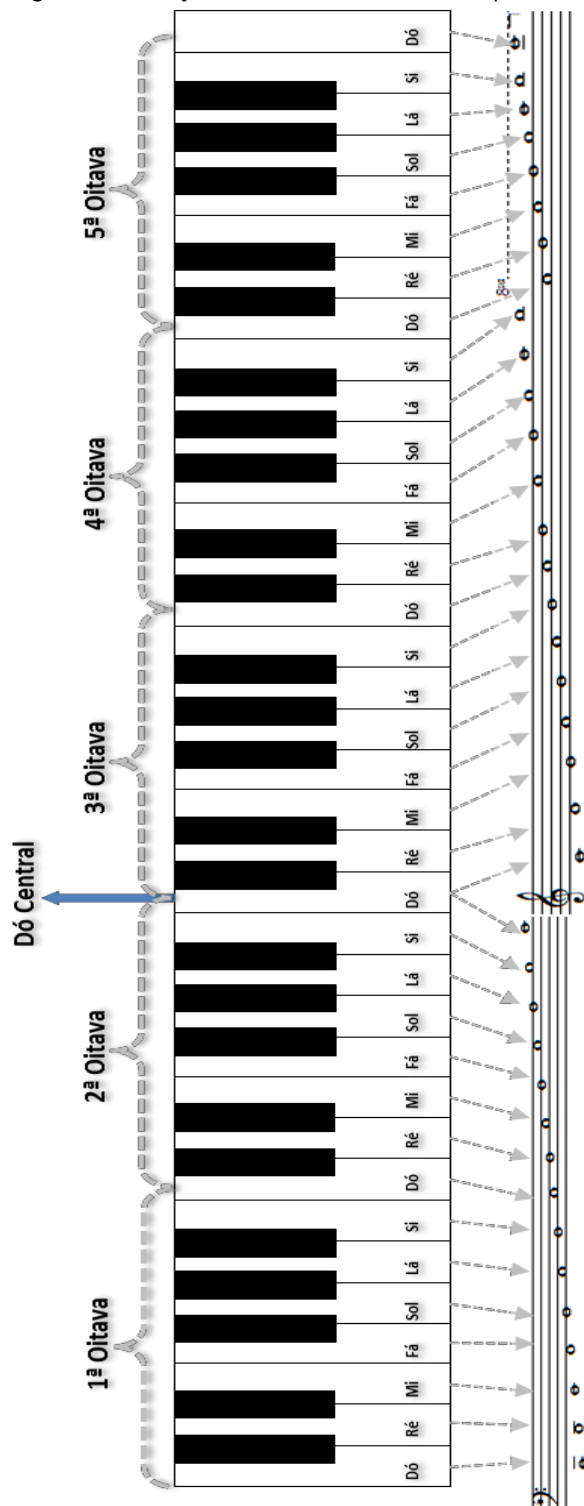
Vimos que na partitura a mesma nota se repete em lugares diferentes, conforme abaixo. Isto ocorre porque a altura da nota é diferente, uma é mais grave e a outra mais aguda.



Fig. 22 – Exemplificação de repetição de notas em lugares diferentes da partitura.

No teclado, o primeiro Dó é conhecido como Dó Central, e em teclados de cinco oitavas ele começa na terceira oitava, conforme ilustração abaixo:

Fig. 23 – Localização das notas no teclado *versus* partitura.



6. VALORES MUSICAIS e DIVISÃO DE COMPASSOS

Já vimos que para termos a escrita musical precisamos de um pentagrama onde são escritas as notas musicais. Neste próximo item veremos as figuras e seus respectivos tempos musicais, onde para cada tipo de figura existe também um tipo de pausa, demonstrado a seguir:















Nome	Figura	Pausa	Tempo Equivalente
Semibreve			1
Mínima			$\frac{1}{2}$: Metade da semibreve
Semínima			$\frac{1}{4}$: metade da Mínima
Colcheia			$\frac{1}{8}$: Metade da Semínima
Semicolcheia			$\frac{1}{16}$: Metade da Colcheia
Fusa			$\frac{1}{32}$: Metade da Semicolcheia
Semifusa			$\frac{1}{64}$: Metade da Fusa

Fig. 25 – Ilustração de figuras musicais.

Os valores das figuras variam conforme a fórmula do compasso, que vem descrito no pentagrama logo após a clave. Ele indica a soma de tempos que se pode ter em cada compasso e qual a figura que vale 01 tempo.

Exemplos de compassos:



4 tempos em um compasso
Vale 1 tempo. Ou seja, em um compasso poderemos utilizar somente 4 semínimas



3 tempos em um compasso
Vale 1 tempo. Ou seja, em um compasso poderemos utilizar somente 3 semínimas

Exemplos de compassos:



1 2 3 4 1 2 3 4 1 2 3 4



1 2 3 1 2 3 1 2 3

Fig. 26 – Exemplificação de fórmula de compasso.

COMPASSO

É a divisão da música em séries regulares de tempo, baseada na pulsação e nos momentos tônicos da mesma. De uma forma mais simples, podemos dizer que Compasso é a divisão da música em séries regulares de tempo.

Essas séries, ou seja, os compassos podem ser de: 2 tempos, 3 tempos, 4 tempos, 5 tempos, 7 tempos, 11 tempos, etc., mas os mais usados são os de:

- 02 tempos - Chamado de Compasso Binário
- 03 tempos - Chamado de Compasso Ternário
- 04 tempos - Chamado de Compasso Quaternário

Ritmo e Compasso (Conhecimento Básico)

“ Na MÚSICA existem sons longos e sons curtos (duração do som).
Há também momentos de interrupção do som: os silêncios (pausas). ”

A relação da duração dos sons define o RITMO.
Portanto, o RITMO é a organização do tempo....”

“ FIGURAS e PAUSAS são um conjunto de sinais que representam a duração ”
Vamos aprender (nesta aula) 02 figuras e 01 pausa

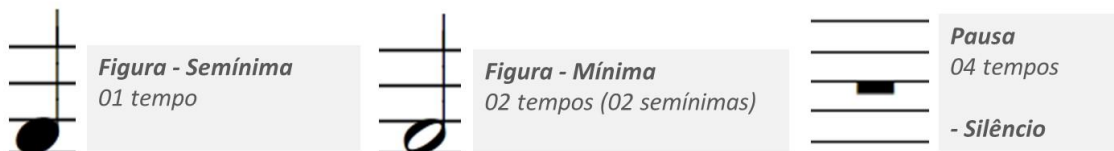


Fig. 27 – Figuras Rítmicas, Valores e Pausas.

- Os compassos são separados por uma linha vertical, chamada **barra de compasso**.



Fig. 28 – Exemplificação de tipos de compassos.

Fig. 29 – Ilustração divisão do compasso quaternário

COMPASSO QUATERNÁRIO

1º tempo forte; 2º tempo fraco; 3º tempo fraco; 4º tempo fraco;

1	2	3	4	1	2	3	4
Forte	Fraco	Fraco	Fraco	Forte	Fraco	Fraco	Fraco

(Exemplo de Compasso)**61 ACIDENTES MUSICAIS: SUSTENIDO E BEMOL**

Exercícios de Fixação – Execute com a mão direita:

Exercise 1: A scale starting on G4, moving up and then down. Notes: G4 (1), A4 (2), B4 (3), C5 (4), D5 (5), C5 (4), B4 (3), A4 (2), G4 (1), F#4 (3), E4 (5), D4 (3), C4 (1), B2 (1).

Exercise 2: A scale starting on G4, moving up and then down. Notes: G4 (1), A4 (3), B4 (2), C5 (4), D5 (3), E5 (5), F#5 (4), G5 (2), A5 (5), B5 (1).

Exercise 3: A scale starting on G4, moving up and then down. Notes: G4 (5), A4 (3), B4 (1), C5 (2), D5 (4), E5 (3), F#5 (1), G5 (2), A5 (4), B5 (5), C6 (3), D6 (1).

7. INTERVALOS, ESCALAS CROMÁTICAS, DIATÔNICAS E FORMAÇÃO DE ACORDES

7.1 INTERVALOS

Sempre que são reproduzidas duas notas diferentes, há diferença de altura entre elas, conhecido como intervalo. Já vimos que o semitom é o menor intervalo existente entre as notas e a soma de dois semitons equivale a um tom. Os intervalos musicais são utilizados para medir a distância de uma nota para outra e estão presentes em toda música, nas escalas, nos acordes.

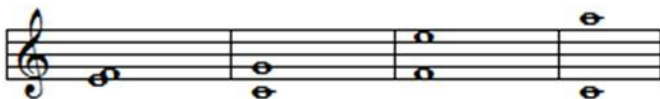
Os intervalos podem ser melódicos ou harmônicos:

Melódico: notas tocadas sucessivamente

Harmônico: notas tocadas simultaneamente



Os intervalos podem variar de acordo com a altura entre os dois sons. Segue alguns exemplos:



7.2 ESCALAS

Cada lóvor segue um determinado ciclo de notas que é identificado pelo tom da música. No teclado, para um lóvor tocado em Dó maior utilizaremos somente as teclas brancas. Podemos dizer que a escala é um conjunto de notas sucessivas, com intervalos de tons e semitons, onde cada nota recebe um nome denominada grau. Veja exemplo da escala de Dó maior:

Dó → 1º Grau ou Tônica

Sol → 5º Grau ou Quinta Justa

Ré → 2º Grau ou Supertônica

Lá → 6º Grau ou superdominante

Mi → 3º Grau ou Terça

Si → 7º Grau ou Sensível

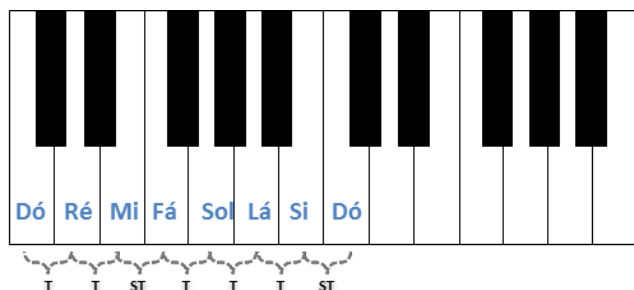
Fá → 4º Grau ou Subdominante

Para a formação das escalas maiores utilizamos a seguinte regra de tom (T) e semitom (ST):

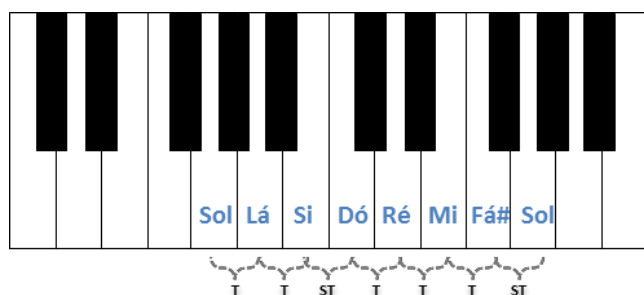
T – T – ST – T – T – T – ST

Fig. 30 – Ilustração de regra para formação de escalas maiores.

Desta forma, podemos identificar quais notas fazem parte da escala de Dó maior, por exemplo:



Seguindo a mesma regra, veja como fica a escala de Sol maior:

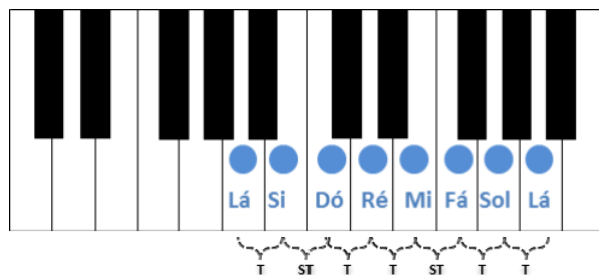


Para as escalas menores naturais segue a regra utilizada:

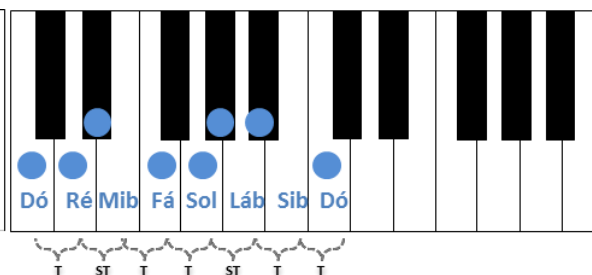
T – ST – T – T – ST – T – T

Fig. 31 – Ilustração de regra para formação de escalas menores.

Escala de Lá menor:



Escala de Dó menor

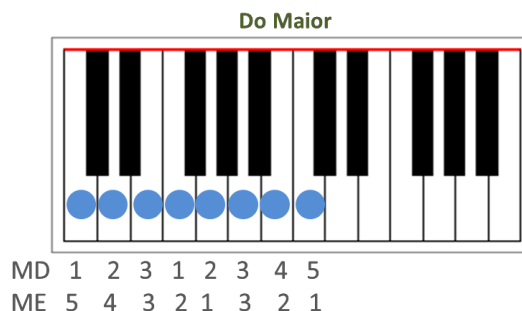


7.2.1 Exercício de Escala

Execute a escala de Dó maior com as mãos separadas e depois as junte:

MD: Mão Direita

ME: Mão Esquerda



7.3 FORMAÇÃO DE ACORDE

O Acorde é um conjunto de notas tocadas simultaneamente. Para a formação dos acordes utilizaremos o grau de cada nota explicado no item anterior. Exemplo - Escala de Dó

Dó → 1º Grau ou Tônica

Sol → 5º Grau ou Quinta Justa

Ré → 2º Grau ou Supertônica

Lá → 6º Grau ou superdominante

Mi → 3º Grau ou Terça

Si → 7º Grau ou Sensível

Fá → 4º Grau ou Subdominante

Os acordes podem ter as seguintes formações:

Bicorde: Tônica e Terça

Tríades: Acordes formados por 03 notas (tônica, terça e quinta)

Tétrades: Acordes formados por 04 notas (Soma da tríade com mais um grau – 7M ou 7)

Tétrades Acrescentadas: Acordes formados por 5 ou mais notas (Soma da tétrade com uma ou mais notas).

Eles podem ser acordes Maiores, Menores, Diminutos, Aumentados ou Sus.

Já vimos os nomes das sete notas musicais, porém, os acordes (compostos de notas tocadas simultaneamente) e serão representadas por CIFRAS conforme demonstrado a seguir:

A → Lá B → Si C → Dó D → Ré E → Mi F → Fá G → Sol

Nunca lemos o nome da letra, mas sim a nota que ela simboliza. Ex.: A7 – lemos lá com sétima e não, lá sete nem A com sétima.

Estas letras podem ainda, ser ou não acompanhadas dos seguintes sinais:

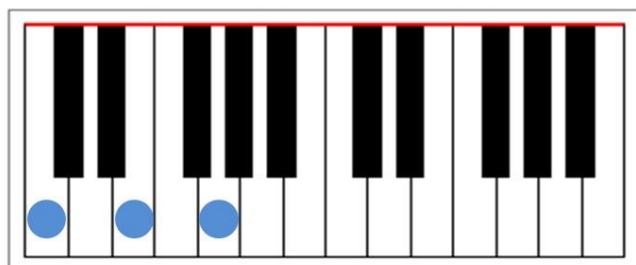
M	MAIOR	m	menor
#	SUSTENIDO	b	BEMOL
°	DIMINUTA	1,2,3..., 14	Números lidos como numerais ordinais.

Tab. 2 – Demonstração de tipos de sinais que podem acompanhar as Cifras.

7.3.1 Acordes Maiores

Os acordes maiores possuem uma sonoridade alegre que é causada pelo uso da Terça Maior. São formados pelo 1º Grau ou Tônica + 3º Grau ou Terça + 5º Grau ou Quinta.

Fig. 32 – Exemplificação do Acorde de C



A distância entre o 1º grau e o 3º grau é igual à 2 tons (Dó+Dó#+Ré+Ré#+Mi) e a distância entre o 3º e 5º grau é de 1 tom e meio (Mi+Fá+Fá#+Sol);

Para formação dos demais acordes maiores, basta seguir a mesma regra apresentada anteriormente.

7.3.2 Acordes Menores

Os acordes menores possuem uma sonoridade triste proporcionada pelo uso da Terça Menor, ou seja, são contados 3 semitons a partir da Tônica. A nota que é usada para completar essa tríade também é a Quinta Justa, dando corpo ao acorde.

Fig. 33 – Exemplificação do Acorde de Cm

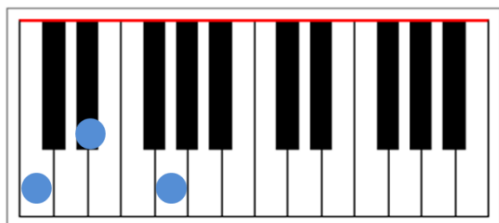
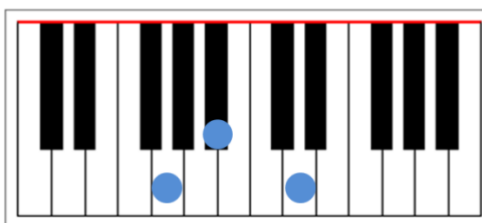


Fig. 34 – Exemplificação do Acorde de Gm



Para fazer os acordes sustenidos basta avançar meio tom em cada dedo. Exemplo: acorde de C

Fig. 32 – Exemplificação do Acorde de C (Repetição)

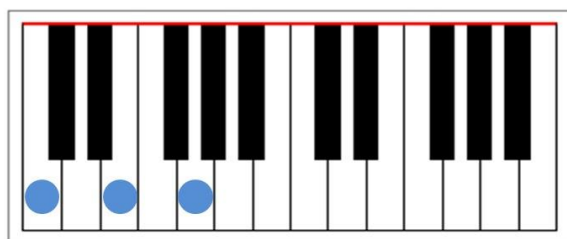
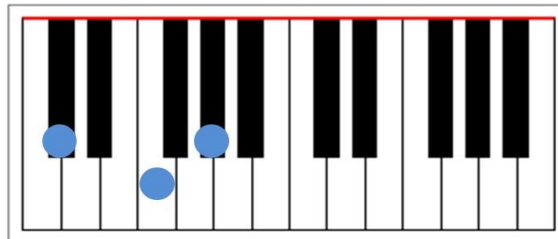


Fig. 35 – Exemplificação do Acorde de C#



7.3.3 Acordes com Quinta Alterada

Pode ocorrer de duas formas: quinta aumentada ou quinta diminuta.

Para os acordes com quinta aumentada o 5º grau aumentará um semitom. Eles podem ser representados da seguinte forma: 5+, 5aug, +5# ou (#5). Veja no exemplo abaixo:

Fig. 32 – Exemplificação do Acorde de C (Repetição)

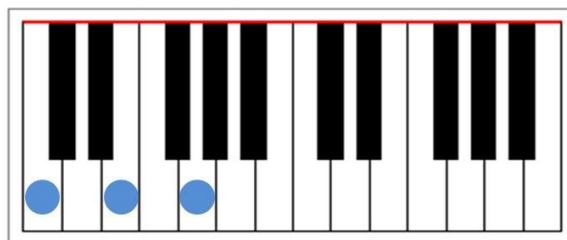
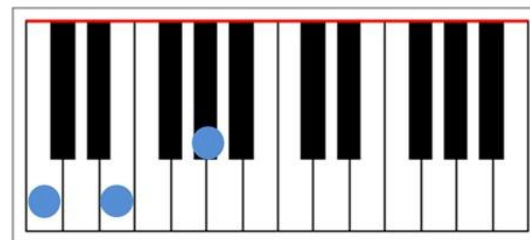


Fig. 36 – Exemplificação do Acorde de C com quinta aumentada ou C5+



Para os acordes com a quinta diminuta será reduzido um semitom do 5º grau e podem ser representados da seguinte maneira: 5-, 5dim, 5b ou (b5). Segue exemplo com o acorde de Dó menor:

Fig. 37 – Exemplificação do Acorde de Cm

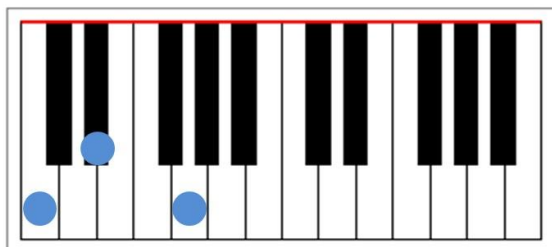
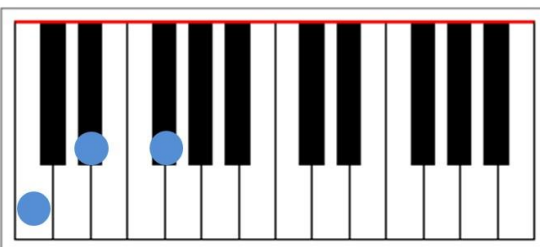


Fig. 38 – Exemplificação do Acorde de Cm com a quinta diminuta ou Cm5-

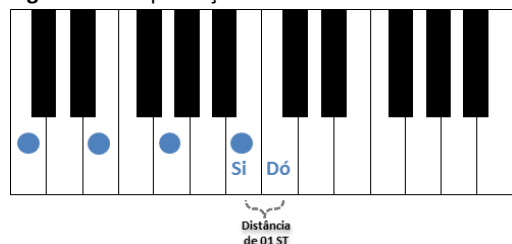


7.3.4 Acordes com Sétima Maior

A nota sétima maior fica um semitom da oitava nota. Pode ser representada por 7+, 7M ou maj7. Vejamos como fica na escala de Dó maior (C):

Dó	Ré	Mi	Fá	Sol	Lá	Si	Do
1ª	2ª	3ª	4ª	5ª	6ª	7ª	8ª

Fig. 38 – Exemplificação do Acorde de C7M

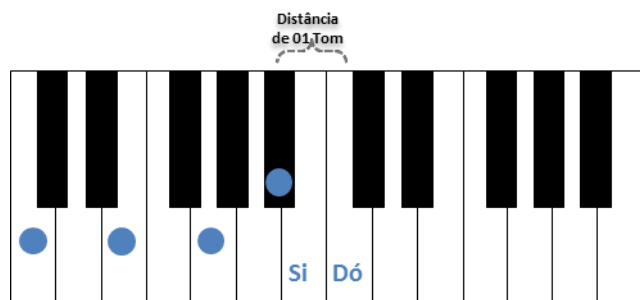


7.3.5 Acordes com Sétima Menor

A nota sétima maior fica um tom da oitava nota. Pode ser representada por 7-, 7m ou 7. Vejamos como fica na escala de Dó maior (C):

Dó	Ré	Mi	Fá	Sol	Lá	Sib	Do
1ª	2ª	3ª	4ª	5ª	6ª	7ª	8ª

Fig. 39 – Exemplificação do Acorde de C7



7.3.6 Acordes com Nona

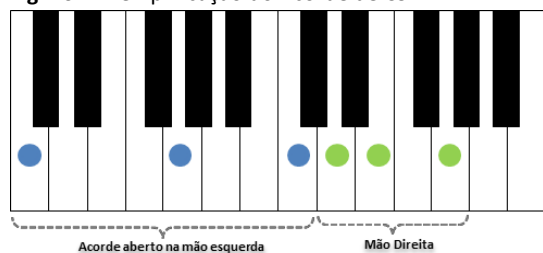
Já vimos que cada nota da escala recebe um grau. Ao utilizarmos duas oitavas para fazermos a escala de Dó, por exemplo, teremos o seguinte:

Nota: Dó	Ré	Mi	Fá	Sol	Lá	Si	Dó	Ré	Mi	Fá	Sol	Lá	Si
Grau: 1º	2º	3º	4º	5º	6º	7º	8º	9º	10º	11º	12º	13º	14º

Notas do acorde de C: Dó Mi Sol

9ª nota: Ré

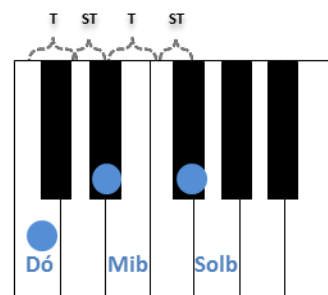
Fig. 40 – Exemplificação do Acorde de C9



7.3.7 Acordes Diminutos

Representado por dim ou ° é formado pelos seguintes graus: 1º ou Tônica, 3ª menor e 5ª menor. Observe que a distância entre eles é de somente 1 tom e meio. Veja exemplo abaixo:

Fig. 41 – Exemplificação do Acorde de Cº ou Cdim



7.3.8 Acordes Suspensos

Representado por sus não possui característica de acorde menor ou maior pois não temos o 3º grau na formação deste. O 3º grau pode ser substituído, por exemplo, pelo 2º ou 4º. Veja exemplo

Fig. 42 – Exemplificação do Acorde de Csus2

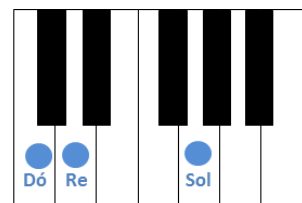
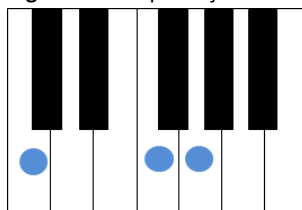


Fig. 43 – Exemplificação do Acorde de Csus4



7.3.9 Inversão de Acordes

É a utilização dos acordes na sua formação fundamental. Veja exemplo abaixo para o acorde de C:

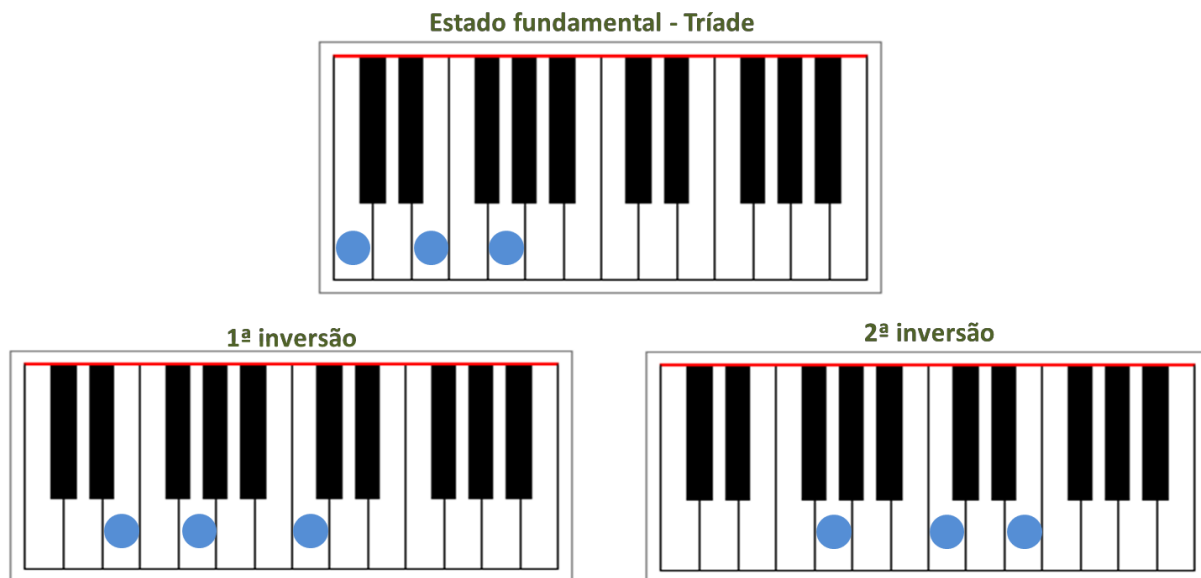


Fig. 44 – Ilustração de Inversão de Acordes

Ao utilizarmos a inversão devemos nos atentar para qual nota está sendo requerida no baixo, tocado pela mão esquerda.

Estado fundamental → Baixo está na tônica → No acorde de C, está no Dó.

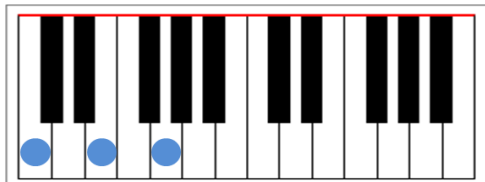
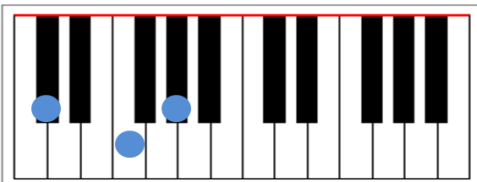
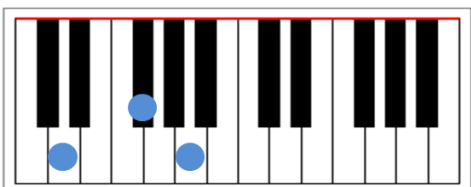
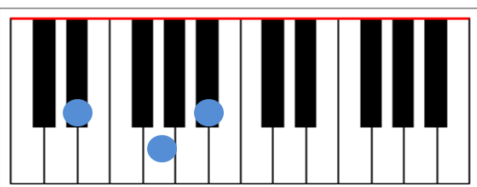
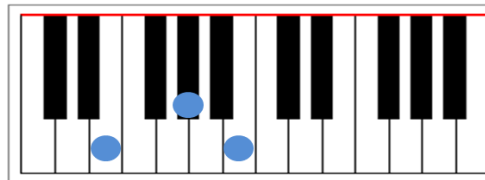
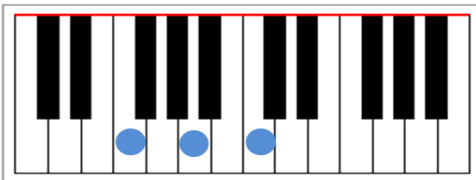
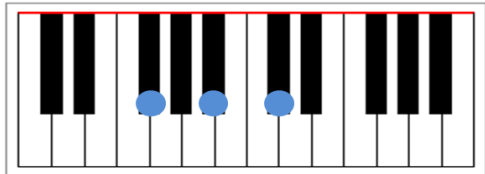
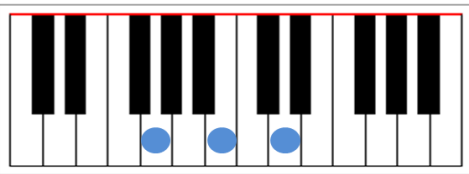
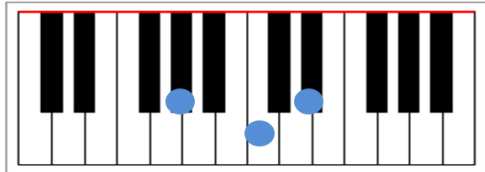
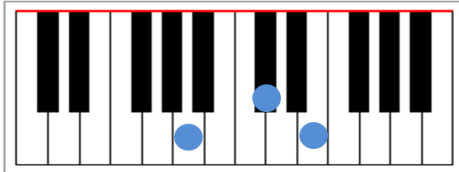
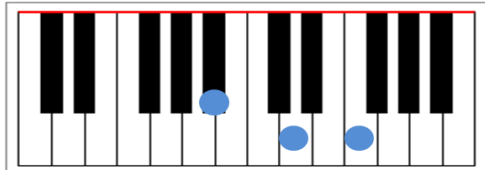
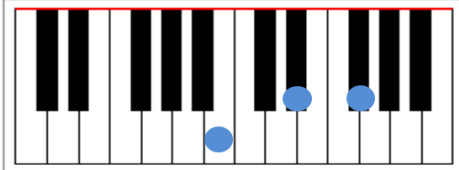
1ª Inversão → Baixo está na 3ª → No acorde de C, está no Mi.

2ª Inversão → Baixo está na 5ª → No acorde de C, está no Sol.

Quando houver alterações no baixo da nota e for requerida a inversão, estará descrito no louvor. Exemplo: C/G. É o acorde de C com o baixo em sol (2ª inversão)

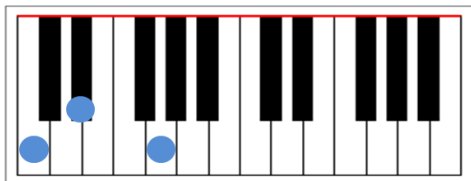
7.3.10 Dicionário de Acordes

Acordes Maiores

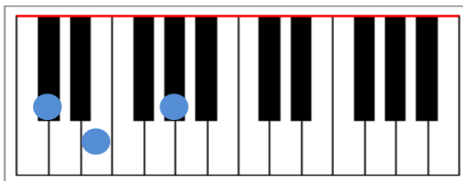
C**C# ou Db****D****D# ou Eb****E****F****F# ou Gb****G****G# ou Ab****A****A# ou Bb****B**

Acordes Menores

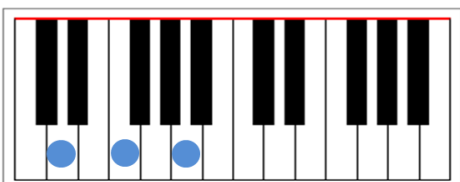
Cm



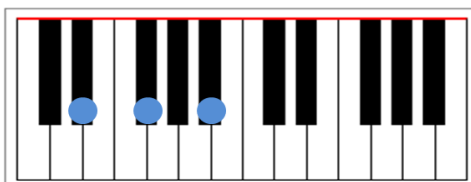
C#m ou Dbm



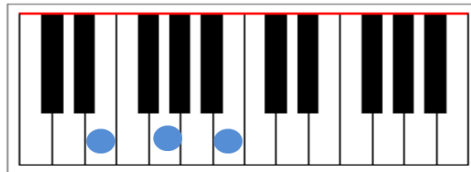
Dm



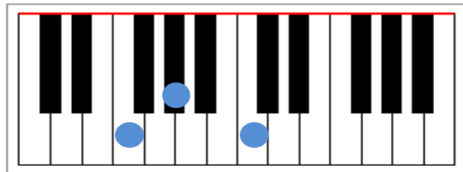
D#m ou Ebm



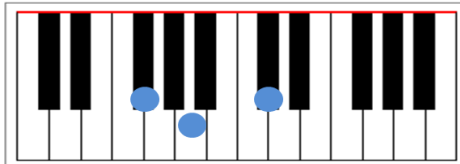
Em



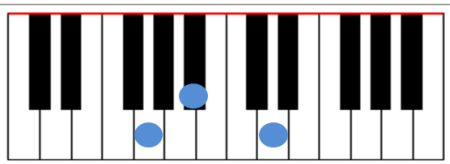
Fm



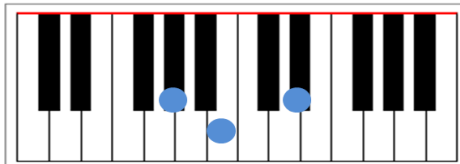
F#m ou Gbm



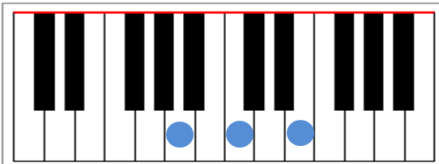
Gm



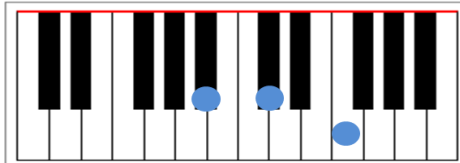
G#m ou Abm



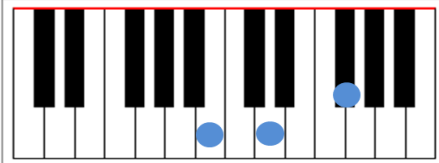
Am



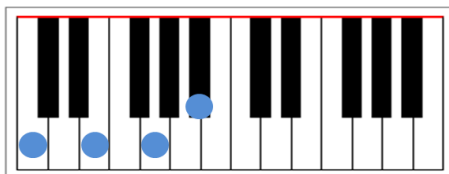
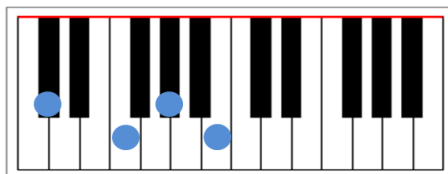
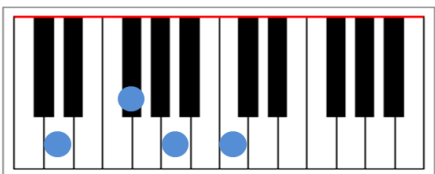
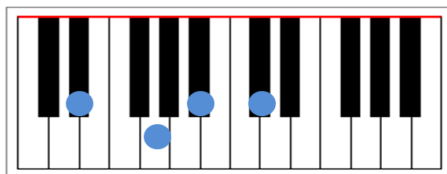
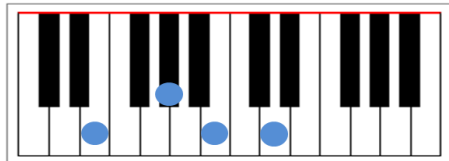
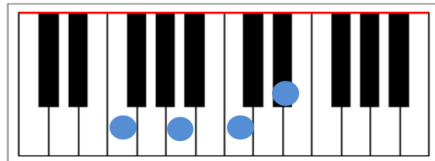
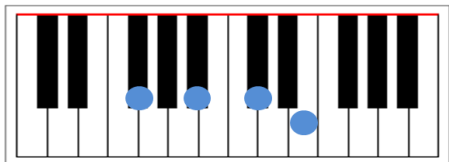
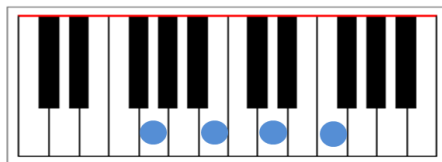
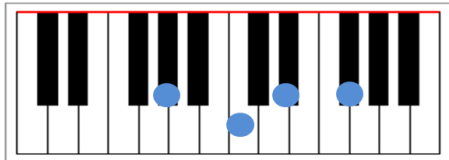
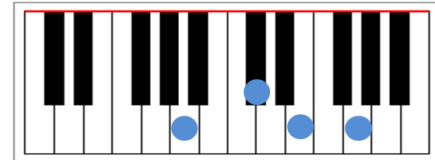
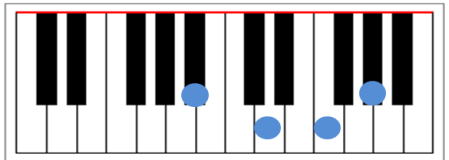
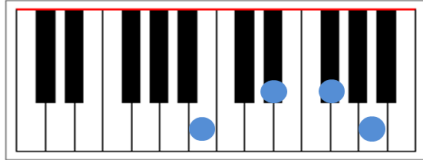
A#m ou Bbm



Bm



Acordes Maiores com Sétima

C7**C#7 ou Db7****D7****D#7 ou Eb7****E7****F7****F#7 ou Gb7****G7****G#7 ou Ab7****A7****A#7 ou Bb7****B7**

7.4 ESCALA DIATÔNICA – ACORDES MAIORES

MD = Mão Direita

ME: Mão Esquerda

Escala de Dó maior (C)

MD: 1 2 3 1 2 3 4 5 4 3 2 1 3 2 1 5 3 1

ME: 5 4 3 2 1 3 2 1 2 3 1 2 3 4 5 1 3 5

Escala de Sol maior (G)

MD: 1 1 5 1 3

ME: 5 1 1 1 5

Escala de Ré maior (D)

MD: 1 1 5 1 3

ME: 5 1 1 1 5

Escala de Lá maior (A)

MD: 1 1 5 1 3

ME: 5 1 1 1 5

Escala de Mi maior (E)

MD: 1 1 5 1 3

ME: 5 1 1 1 5

Escala de Si maior (B)

MD: 1 1 5 1 3

ME: 4 1 4 1 4

Escala de Fá# maior (F#)

MD: 2 1 1 2 1 3 1 4 2

ME: 4 1 3 1 2 1 1 4

Escala de Dó# maior (C#)

MD: 2 1 1 2 1 4 1 3 2

ME: 3 1 4 1 3 1 1 3

Escala de Fá maior (F)

MD: 1 4 1 4 1 4 1

ME: 5 1 3 1 1 5

Escala de Si b maior (Bb)

MD: 2 1 1 4 1 3 1 2

ME: 3 1 4 1 2 1 1 3

Escala de Mi b maior (Eb)

MD: 2 1 1 3 1 4 1 2

ME: 3 1 4 1 2 1 1 3

Escala de La b maior (Ab)

MD: 2 1 1 3 1 3 1 3

ME: 3 1 4 1 2 1 1 3

Escala de Ré b maior (Db)

MD: 2 1 1 2 1 4 1 3

ME: 3 1 4 1 2 1 1

Escala de Sol b maior (Gb)

MD: 2 1 1 2 1 3 1 4

ME: 4 1 3 1 2 1 1 4

8. REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

PRIOLLI, Maria L. ed Matos. Princípios básicos da música para a juventude. Volume II. Rio de Janeiro: Casa oliveira de músicas LTDA, 2001.

MED, Bohumil. Teoria da Música. 4ª edição Revista e Ampliada. Brasília. MusiMed. 1996.

LACERDA, Osvaldo. Compendio de Teoria Elementar de Música. Editora Ricordi 7ª edição.

RICHARDSON. Tablaturas e Cifras. Técnica no Piano. Disponível em: <<http://tablaturasecifras.com.br/tecnica-no-piano-os-5-erros-que-podem-impedir-seu-desenvolvimento/>>. Acesso em 26 de julho de 2015.

OLIVEIRA, Claudio. Acordes com Quinta Alterada. Disponível em: <<http://www.claudioluizmusic.com.br/2012/04/acordes-com-quinta-alterada.html>>. Acesso em 06 de agosto de 2015.

Violão Brasil. Curso de Teclado e Piano. Disponível em: <<http://www.violaobrasil.com.br/curso-de-teclado-posicao-do-tecladista/>>. Acesso em 26 de julho de 2015.